



**“Um romance que  
espalha alegria a  
cada página.”  
ELIZABETH DAY**

**“Amei tanto que  
fiquei desolada  
quando acabou.”  
NIGELLA LAWSON**

# UMA QUESTÃO DE QUÍMICA

**BONNIE GARMUS**



ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.  
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros  
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,  
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar  
nossa newsletter e receber  
as novidades diretamente  
em seu e-mail.

**UMA QUESTÃO  
DE QUÍMICA**





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



# UMA QUESTÃO DE QUÍMICA

**BONNIE GARMUS**



ARQUEIRO



Título original: *Lessons in Chemistry*  
Copyright © 2022 por Bonnie Garmus  
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Maria Carmelita Dias

*preparo de originais:* Cláudia Mello

*revisão:* Camila Figueiredo e Juliana Souza

*diagramação:* Miriam Lerner | Equatorium Design

*capa:* Beci Kelly | TW

*imagem de capa:* Colin Thomas

*adaptação de capa:* Ana Paula Daudt Brandão

*foto da autora:* © Serena Bolton

*e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

G221q

Garmus, Bonnie, 1957-

Uma questão de química [recurso eletrônico] / Bonnie Garmus; tradução de Maria Carmelita Dias. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.  
recurso digital

Tradução de: *Lessons in chemistry*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-289-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

22-77044

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

*Para a minha mãe, Mary Swallow Garmus*

# SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

## CAPÍTULO 1

### Novembro de 1961

Em 1961, quando as mulheres usavam vestidos estilo *chemisier* cintados, frequentavam clubes de jardinagem e, sem nenhuma preocupação, levavam várias crianças de carro para todo lado sem cinto de segurança; quando ninguém sequer sabia que existiria um movimento de contracultura na década de 1960, muito menos um que levaria seus integrantes a passar os sessenta anos seguintes comentando sobre ele; quando as grandes guerras tinham chegado ao fim e as guerras clandestinas tinham acabado de se iniciar e as pessoas começavam a pensar fora da caixa e a acreditar que tudo era possível, a mãe de Madeline Zott acordava todo dia antes do amanhecer e, aos trinta anos, tinha uma única certeza: sua vida tinha chegado ao fim.

Apesar dessa certeza, ela foi até o laboratório para preparar a lancheira da filha.

*Combustível para aprender*, escreveu Elizabeth Zott em um pedaço de papel antes de enfiá-lo na lancheira. Depois fez uma pausa, o lápis parado no ar, como se estivesse pensando. *Pratique um esporte no recreio, mas não deixe os meninos vencerem automaticamente*, escreveu em outro pedaço de papel. Em seguida, fez uma nova pausa, tamborilando o lápis na mesa. *Não é coisa da sua cabeça*, escreveu em um terceiro bilhete. *A maioria das pessoas é horrível*. Ela colocou os dois últimos por cima.

Poucas crianças pequenas sabem ler e, quando sabem, em geral são palavras como “gato” e “vovô”. Madeline, porém, sabia ler desde os três anos

e agora, com cinco, já tinha quase terminado a obra inteira de Dickens.

Madeline era *aquela* tipo de criança – o tipo que sabe cantarolar um concerto de Bach, mas não consegue amarrar os próprios cadarços; que sabe explicar a rotação da terra, mas hesita no jogo da velha. E esse era o problema. Porque embora crianças-prodígio com aptidão para a música sempre sejam festejadas, isso não acontece com as que aprendem a ler cedo, porque as que aprendem a ler cedo são boas em uma coisa que, depois de um tempo, as outras crianças também vão dominar. Ou seja, nesse caso, ser a primeira não é especial – é irritante.

Madeline entendia isso. Então todo dia de manhã – depois que a mãe tinha saído e enquanto Harriet, a vizinha que tomava conta dela, estava ocupada – fazia questão de tirar os bilhetes da lancheira, lê-los e depois juntá-los a todos os outros, que ficavam em uma caixa de sapato no fundo do armário. Quando chegava à escola, fingia ser como todas as outras crianças: basicamente analfabeta. Para Madeline, encaixar-se no grupo era mais importante que tudo. E seu motivo era irrefutável: a mãe nunca tinha se encaixado, e vejam só o que aconteceu com ela.

ERA ALI, NA CIDADEZINHA DE COMMONS, no sul da Califórnia, onde na maior parte do tempo o clima era quente, mas não quente demais, e o céu era azul, mas não azul demais, e o ar era limpo só porque isso era comum naquela época, que Madeline ficava deitada na cama, com os olhos fechados, esperando. Sabia que logo receberia um beijo carinhoso na testa, as cobertas seriam puxadas com cuidado até seus ombros, as palavras “Aproveite o dia” seriam murmuradas em seu ouvido. Um minuto depois, ela ouviria o barulho do motor do carro dando partida, o ranger de pneus enquanto o Plymouth dava marcha a ré na entrada da garagem e o barulho do câmbio engatando a primeira. E sua mãe, uma mulher sempre deprimida, partiria para o estúdio de televisão, onde vestiria um avental e entraria em um set de filmagem.

O programa se chamava *Hora do Jantar*, e Elizabeth Zott era sua grande estrela.

## CAPÍTULO 2

### Pine

Antes uma pesquisadora química, Elizabeth Zott era uma mulher com a pele perfeita e o comportamento inequívoco de alguém que não era medíocre e nunca seria.

Ela tinha sido, assim como todas as grandes estrelas, descoberta por acaso. Se bem que, no caso de Elizabeth, não aconteceu em uma sorveteria, nem em um encontro acidental em um banco de praça, nem pela providencial apresentação de um conhecido em comum. Em vez disso, ela foi descoberta por causa de um roubo – mais especificamente, um roubo de comida.

A história foi simples: uma menina chamada Amanda Pine, que gostava de comida de um jeito que alguns terapeutas consideram digno de atenção, estava comendo o almoço de Madeline. Isso porque o almoço de Madeline não era comum. Enquanto as outras crianças comiam sanduíches de geleia e manteiga de amendoim, Madeline abria a lancheira e encontrava um pedaço generoso de lasanha do dia anterior, uma porção de abobrinha salteada na manteiga para acompanhar, um exótico kiwi cortado em quatro pedaços, cinco tomatinhos-cereja redondos e perolados, um minúsculo saleiro Morton, dois cookies de chocolate ainda quentinhos e uma garrafa térmica xadrez vermelha cheia de leite bem gelado.

Essas iguarias faziam com que todo mundo quisesse o almoço de Madeline, inclusive a própria Madeline. Só que ela o oferecia a Amanda não

só porque amizades exigem sacrifícios, mas também porque Amanda era a única na escola inteira que não zombava da criança esquisita que Madeline já reconhecia ser.

Só depois de reparar que as roupas de Madeline estavam começando a sambar na sua silhueta ossuda foi que Elizabeth se pôs a imaginar o que estaria ocorrendo. De acordo com seus cálculos, o consumo diário de Madeline era a quantidade exata de alimentos de que a filha necessitava para ter um desenvolvimento saudável, o que tornava a perda de peso inconcebível em termos científicos. Seria um pico de crescimento? Não. Ela havia levado isso em conta nos cálculos. O início precoce de um distúrbio alimentar? Pouco provável. Madeline avançava vorazmente na comida. Leucemia? Definitivamente, não. Elizabeth não era alarmista: não era do tipo que ficava acordada à noite imaginando a filha acometida por uma doença incurável. Como cientista, sempre buscava a explicação mais razoável, e, no instante em que conheceu Amanda Pine, com os lábios manchados de vermelho do molho de tomate, percebeu que tinha encontrado a explicação.

– SR. PINE – DISSE ELIZABETH, irrompendo no estúdio de televisão local sem se dirigir à secretária, na tarde de uma quarta-feira. – Estou ligando para cá há três dias e o senhor não teve a consideração de retornar nem uma única vez. Meu nome é Elizabeth Zott. Sou mãe de Madeline Zott. Nossas filhas estudam juntas na Woody e estou aqui para lhe dizer que sua filha se aproximou da minha com segundas intenções. – E, como ele pareceu confuso, acrescentou: – Sua filha está se apropriando do almoço da minha filha.

– A-almoço? – conseguiu gaguejar Walter Pine enquanto analisava a mulher deslumbrante diante dele, o jaleco branco conferindo-lhe uma aura sagrada, a não ser por um detalhe: as iniciais “E.Z.” estampadas em vermelho pouco acima do bolso.

– Sua filha, Amanda – acusou Elizabeth mais uma vez –, está comendo o almoço da minha filha. Parece que isso vem acontecendo há meses.

Walter só conseguia encará-la. Alta e ossuda, o cabelo da cor de uma torrada amanteigada queimada puxado para trás e preso com um lápis, a mulher estava parada, com as mãos na cintura, os lábios de um vermelho vívido, a pele luminosa, o nariz reto. Ela o fitava como um médico em um campo de batalha avaliando se ele merecia ser salvo ou não.

– E o fato de sua filha fingir ser amiga de Madeline para ganhar o almoço – continuou – é totalmente repreensível.

– Q-quem é a senhora mesmo? – gaguejou Walter.

– Elizabeth Zott! – vociferou em resposta. – Mãe de Madeline Zott!

Walter assentiu, tentando assimilar. Como produtor de longa data de programas vespertinos de televisão, ele entendia de drama. Mas isso? Ele continuou encarando. Ela era deslumbrante. Ele estava literalmente *atordoado*. Será que ela estava querendo fazer um teste para algum papel?

– Sinto muito – disse Pine por fim –, mas todos os papéis de enfermeira já foram preenchidos.

– O que foi que o senhor disse? – disparou ela.

Houve uma longa pausa.

– Amanda Pine – repetiu ela.

Ele piscou.

– Minha filha? Ah – disse, subitamente nervoso. – O que aconteceu com ela? A senhora é médica? É da escola? – Ele se levantou de um pulo.

– Meu Deus, não – respondeu Elizabeth. – Sou química. Tive que me despencar lá do Hastings até aqui na minha hora de almoço porque o senhor não retornou minhas ligações. – E, como ele ainda estava com um ar confuso, ela esclareceu: – Instituto de Pesquisas Hastings? Onde a Pesquisa Inovadora Realmente Inova? – Ela expirou ao soltar o slogan vazio. – O negócio é o seguinte: eu faço um esforço considerável para preparar um almoço nutritivo para Madeline, e tenho certeza de que o senhor também faz isso pela sua filha. – E acrescentou, quando ele continuou a encará-la com o olhar vago: – Porque o senhor se preocupa com o desenvolvimento físico e cognitivo da Amanda. Porque o senhor sabe que esse desenvolvimento depende do consumo equilibrado e correto de vitaminas e minerais.

– O problema é que a Sra. Pine está...  
– É, eu sei. Ausente. Tentei entrar em contato com ela, mas me disseram que ela mora em Nova York.

– Somos divorciados.  
– Sinto muito por isso, mas o divórcio não tem nada a ver com o almoço.  
– Pode parecer que não, mas...  
– Um homem *consegue* preparar um almoço, Sr. Pine. Não é biologicamente impossível.

– Sem dúvida – concordou ele, se atrapalhando com uma cadeira. – Por favor, Sra. Zott, sente-se.

– Deixei uma coisa no cíclotron – disse ela, irritada, olhando para o relógio. – Estamos entendidos ou não?

– Cíclo...

– Acelerador de partículas subatômicas.

Elizabeth deu uma olhada nas paredes. Eram lotadas de cartazes emoldurados anunciando novelas melodramáticas e concursos de televisão cheios de artimanhas.

– Meu trabalho – disse Walter, de repente constrangido com a falta de refinamento de todos aqueles cartazes. – Talvez a senhora tenha visto algum.

Ela se virou para encará-lo.

– Sr. Pine – retomou ela de modo mais conciliador –, sinto muito por eu não ter tempo nem recursos para preparar o almoço para sua filha. Nós dois sabemos que a comida é o catalisador que destrava nosso cérebro, une nossa família e determina nosso futuro. E ainda assim... – A voz foi diminuindo, os olhos se estreitando quando viu o cartaz de uma novela mostrando uma enfermeira oferecendo cuidados pouco comuns a um paciente. – Será que alguém tem tempo para ensinar ao país todo como preparar comidas que importam? Eu gostaria de ter, mas não tenho. E o senhor?

Quando Elizabeth Zott deu meia-volta para sair, Pine, sem querer que ela fosse embora e sem entender muito bem o que estava a ponto de fazer, disse rapidamente:

– Espere, por favor, fique... *por favor*. O que... o que foi que a senhora acabou de dizer? Sobre ensinar ao país todo como preparar comidas que...

que *importam*?

*Hora do Jantar* estreou quatro semanas depois. E, embora não estivesse muito animada com a ideia – ela era uma pesquisadora química –, Elizabeth aceitou o trabalho pelos motivos de sempre: pagava mais e ela tinha uma filha para sustentar.

DESDE O PRIMEIRO DIA QUE Elizabeth vestiu um avental e entrou no set, ficou óbvio: ela tinha aquele “quê” especial, uma qualidade indefinível, que cativava o espectador. E também era uma pessoa cheia de conteúdo – tão direta e tão pragmática que as pessoas não sabiam o que pensar dela. Enquanto outros programas de culinária eram apresentados por chefs simpáticos tomando um xerez alegremente, Elizabeth Zott era séria. Nunca sorria. Nunca fazia piadas. E seus pratos eram autênticos e realistas como ela.

Após seis meses, o programa de Elizabeth era um fenômeno em ascensão. Após um ano, uma instituição. E, em dois anos, tinha demonstrado seu poder misterioso de unir não só os pais aos filhos, mas também os cidadãos ao país. Não é exagero dizer que quando Elizabeth Zott acabava de cozinhar, um país inteiro se sentava para comer.

Até o vice-presidente Lyndon Johnson assistia ao programa.

– Quer saber o que *eu* acho? – disse ele enquanto se afastava de um jornalista obstinado. – Acho que você deveria escrever menos e ver mais televisão. Comece com *Hora do Jantar*; aquela Elizabeth Zott sabe o que está fazendo.

E era verdade. Você nunca veria Elizabeth Zott ensinando a preparar sanduíches de minipepinos ou suflês delicados. Suas receitas eram substanciosas: ensopados, guisados, coisas feitas em panelas grandes. Ela salientava os quatro grupos de alimentos. Acreditava em porções decentes. E insistia que qualquer prato digno merecia ser preparado em menos de uma hora. Concluía todos os programas com a frase que era sua marca registrada: “Crianças, ponham a mesa. Sua mãe precisa de um tempo para ela.”

Então um jornalista conhecido escreveu um artigo intitulado “Por que vamos comer qualquer coisa que ela sirva?”, em que se referia a ela casualmente como “Lizzie Delícia”, um apelido que grudou nela que nem chiclete. Daquele dia em diante, os desconhecidos passaram a chamá-la de Delícia, mas a filha, Madeline, a chamava de mamãe. E, embora ainda fosse só uma criança, Madeline já conseguia notar que o apelido subestimava os talentos da mãe. Ela era química, e não cozinheira de programa de TV. E Elizabeth, constrangida diante da filha única, sentia vergonha.

Às vezes, Elizabeth ficava deitada na cama à noite e se perguntava como sua vida tinha chegado àquele ponto. Mas sua reflexão nunca durava muito, porque ela sabia a resposta.

Calvin Evans.

## CAPÍTULO 3

### Dez anos antes, janeiro de 1952

INSTITUTO DE PESQUISAS HASTINGS

Calvin Evans também trabalhava no Instituto de Pesquisas Hastings, mas, ao contrário de Elizabeth, que trabalhava em um laboratório apinhado de gente, ele tinha um grande só para si.

Levando em conta seu histórico, talvez ele merecesse o laboratório. Aos 19 anos, já tinha contribuído com uma pesquisa decisiva que ajudou o famoso químico britânico Frederick Sanger a conquistar o Prêmio Nobel; aos 22, descobriu uma forma mais rápida de sintetizar proteínas simples; aos 24, seus avanços no campo da reatividade do dibenzo selenofeno o colocaram na capa da revista *Chemistry Today*. Além disso, escreveu dezesseis artigos científicos, recebeu convites para dez congressos internacionais e uma oferta para uma bolsa de pesquisa em Harvard. Duas vezes. Que ele recusou. Duas vezes. Em parte porque Harvard não o tinha aceitado como aluno alguns anos antes e em parte porque – bem, não havia nenhum outro motivo. Calvin era um homem brilhante, mas, se tinha um defeito, era a capacidade de guardar rancor.

Além desse rancor, ele tinha a reputação de ser impaciente. Assim como tantas pessoas brilhantes, Calvin simplesmente não entendia como ninguém mais *entendia as coisas*. Também era introvertido, o que não é exatamente um defeito, mas muitas vezes a introversão se manifesta como frieza. O pior de tudo é que Calvin era remador.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma questão de química" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).